

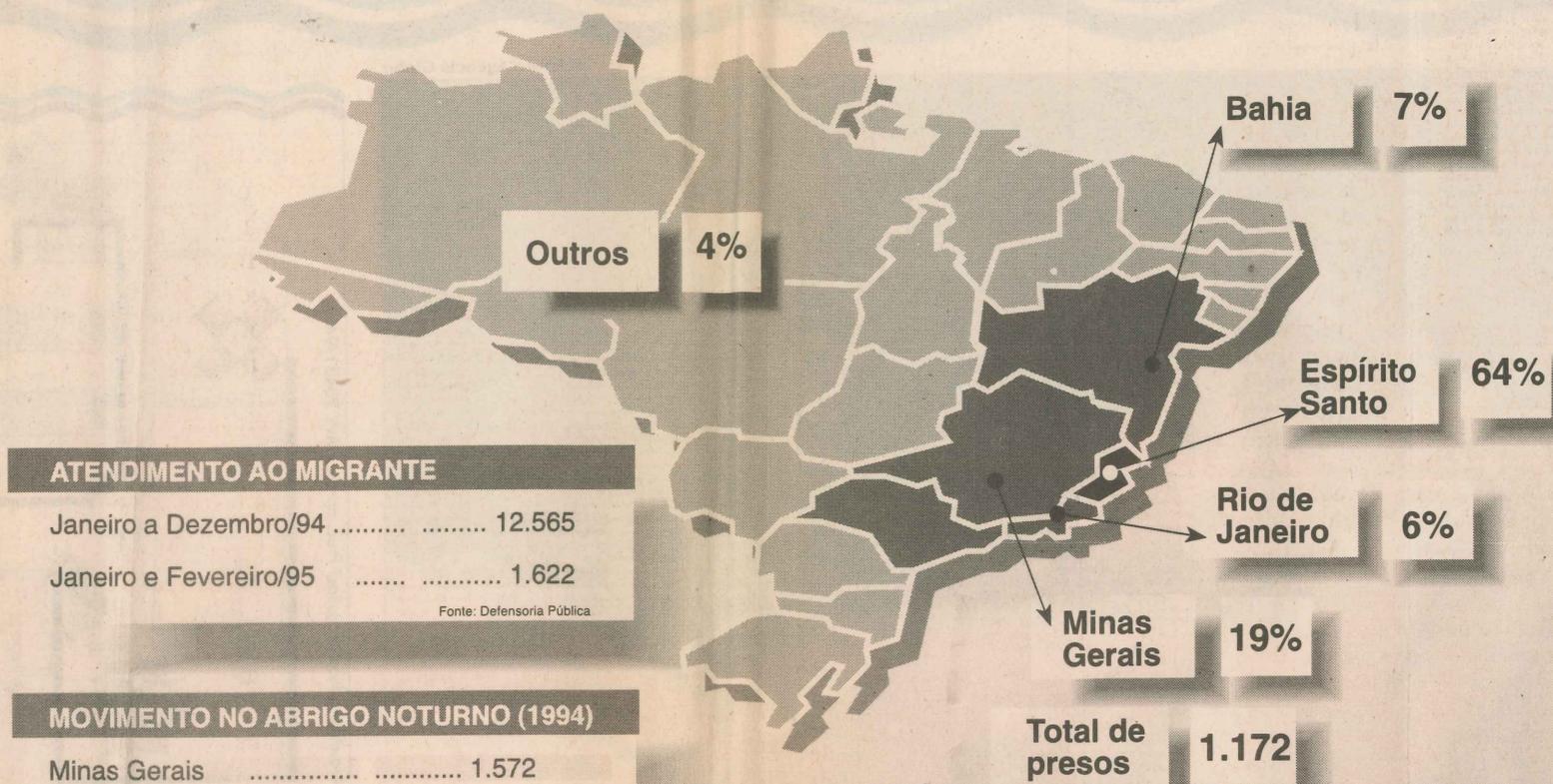
Fluxo descontrolado de migrantes agrava violência

Luiz Vital

O crescente e descontrolado fluxo de migrantes no Estado, cuja maioria se estabelece em condições miseráveis, resulta no agravamento da violência e criminalidade. Uma pesquisa recente desenvolvida pela Defensoria Pública Estadual, revela que 35% da população carcerária são pessoas de outros Estados, sobretudo de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. O único projeto voltado para o atendimento ao migrante, é um posto mantido pela Prefeitura de Vitória e o Governo do Estado, que funciona na rodoviária. Por lá, nada menos que 12,5 mil migrantes carentes passaram no ano passado. A Polícia alerta para o descontrole da situação e o envolvimento considerável de migrantes em atividades criminosas. A secretária de Ação Social da PMV, Vera Nacif, planeja um seminário regional para discutir a questão, e questiona a falta de uma política global.

Origem da população carcerária

Editoria de Arte/ Amarild

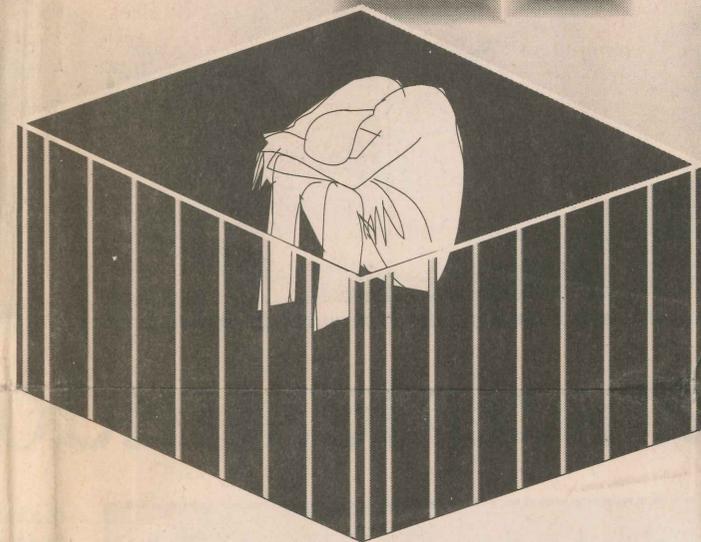


Janeiro a Dezembro/94	12.565
Janeiro e Fevereiro/95	1.622

Fonte: Defensoria Pública

Minas Gerais	1.572
Bahia	878
Rio de Janeiro	314
São Paulo	148

Fonte: Secretaria de Ação Social (PMV)



Falta política de atendimento

A ausência de uma política de atendimento ao migrante no Estado já provoca um descontrole na área, devido às precárias condições em que milhares de pessoas chegam ao Espírito Santo, e que frequentemente encontram no crime uma forma de viver. O único trabalho de atendimento ao migrante é o posto localizado na Rodoviária de Vitória, gerenciado pela Prefeitura. Por lá passaram no ano passado nada menos que 12,5 mil migrantes carentes. Na principal porta de entrada, a estação ferroviária, não existe nenhum trabalho nesse sentido. A secretária de Ação Social da PMV, Vera Maria Simoni Nacif, admite as deficiências, e defende uma ação integrada entre o Governo do Estado e prefeituras. Ela adianta que está agendando uma audiência com o governador Vitor Buainain, visando "reformular o projeto de atendimento ao migrante".

Com efeito, a PMV desenvolve uma atividade que deveria envolver todas as prefeituras. A maioria dos migrantes que chega ao Estado na realidade não passa pelo serviço social da PMV, que desenvolve programas de abordagem, chamado de busca ativa, somente para as populações de rua. Nesse programa, inclusive, são encontrados muitos migrantes, que são encaminhados ao posto de atendimento, segundo Vera Nacif.

No posto, as assistentes sociais entrevistam os migrantes, fazem um cadastro, e procuram resolver os problemas mais imediatos. Quase sempre é preciso documentar o migrante, e encaminhá-lo ao albergue mantido no Sambódromo. Lá, o migrante recebe um kit de roupas - lençol, toalha - para dormir pelo prazo máximo de cinco dias, café da manhã, e uma sopa.

chamado "Sul maravilhosa" sempre foi um referencial para as populações carentes do Nordeste do país, que se deslocavam daquela região em busca de emprego e melhor condição de vida. O Espírito Santo, uma espécie de primo pobre dos Estados mais ricos do Sudeste, era, até recentemente, uma passagem para os milhares de migrantes, em cuja bagagem só havia esperança. Nos últimos anos, porém, com a implantação de vários projetos industriais de porte, o Esta-

através dos trens da Companhia Vale do Rio Doce. A parada é na estação ferroviária de Jardim América, em Cariacica. Um contingente considerável de baianos também se desloca para o Espírito Santo, através da BR 101 Norte. Os migrantes ficam nos municípios cortados pela rodovia, ou chegam até Vitória.

Do Rio de Janeiro, sobretudo da Baixada Fluminense, outros milhares de migrantes chegam ao Estado, pela BR 101 Sul. A maioria, efetivamente, consegue a

Movimento é rotina na Rodoviária

Na Rodoviária de Vitória, todos os dias, é comum encontrar os migrantes, vindos de vários Estados, em busca de emprego e vida melhor. Miseráveis, analfabetos, sem documentos e qualificação profissional, eles integram o chamado exército dos excluídos. Os relatos de cada um evidenciam que eles insistem em ser cidadãos, apesar das barreiras. Não perdem as esperanças, e andam de um lado a outro, pelas ruas, sonhando com trabalho, casa e comida. Em breve, quem sabe, trazer a família. O resultado dessa peregrinação é a favela, a invasão, a mendicância, o subempre-

go, e o que é pior, o crime.

Aos 42 anos, Adilson Alves da Costa, baiano de Teixeira de Freitas, chegou ao Estado na última semana, "sem um tostão no bolso e com a roupa do corpo". Pai de quatro filhos, deixou a família para "tentar a vida" em Vitória. Analfabeto, Adilson diz que sua profissão é ajudante de caminhão. Veio porque um amigo lhe disse que poderia conseguir um trabalho para ele na Ceasa, em Campo Grande. Já procurou o amigo mas não encontrou. Diz que está pernoitando no albergue do Sambódromo, e não sabe o que vai acontecer. "Se não conse-

guir nada vou ter que voltar", diz.

Eduardo Correa de Jesus, 21 anos, chegou de Nazaré, na Bahia, no último dia 22. Passou pelo albergue, mas não pôde continuar passados cinco dias. Dorme nos bancos da rodoviária, e se alimenta comendo pão com manteiga, apenas. "Minha única profissão é servente, e lá em Nazaré é ruim de emprego", justifica. Eduardo conta que os pais morreram, e que ele vivia na casa de um irmão, casado, que rejeita a companhia dele. Ele diz que espera conseguir emprego porque acredita na grande oferta de empregos para a sua profissão.

Foto de Carlito Medeiros

Polícia admite problemática

A Polícia Civil admite que a migração descontrolada no Estado agrava as condições de vida e compromete a segurança pública. No interior a situação é considerada grave. O delegado José Carlos Araújo Santos, chefe do Departamento de Polícia Judiciária (DPI) de São Mateus, diz que grande parte das ocorrências policiais envolvem migrantes, principalmente de pessoas vindas da Bahia. "Estão surgindo muitas favelas na cidade, e é cada vez maior as ocorrências envolvendo forasteiros", constata o delegado. "Vários assassinatos são praticados por pessoas que chegaram ao município em busca

industriais de porte, o Estado se tornou uma parada obrigatória para os migrantes, sobretudo de Minas Gerais e Bahia. No rastro dessa migração descontrolada, o Estado vive o agravamento da pobreza, e o aumento da violência e criminalidade.

Milhares de migrantes aportam no Espírito Santo todos os anos, com a tendência de aumento desse fluxo. Miseráveis, sem documentos, sem qualificação profissional na maioria das vezes, essas pessoas se arriscam em uma aventura buscando romper com a falta de perspectiva.

De Minas vem a maioria, que chega principalmente

efetivamente, consegue a oportunidade do subemprego, se instala nos bolsões de pobreza ou participa de ocupações ilegais. Outra grande parte se marginaliza, passando a integrar as populações de rua, ou ingressa na criminalidade. O ingresso em atividades criminosas é quase um passo natural para quem perdeu a esperança de uma vida melhor. Assim, milhares de migrantes chegam ao Estado, e pela ausência de uma política definida para esse setor, se tornam criminosos, e contribuem para o aumento considerável da violência no Espírito Santo.

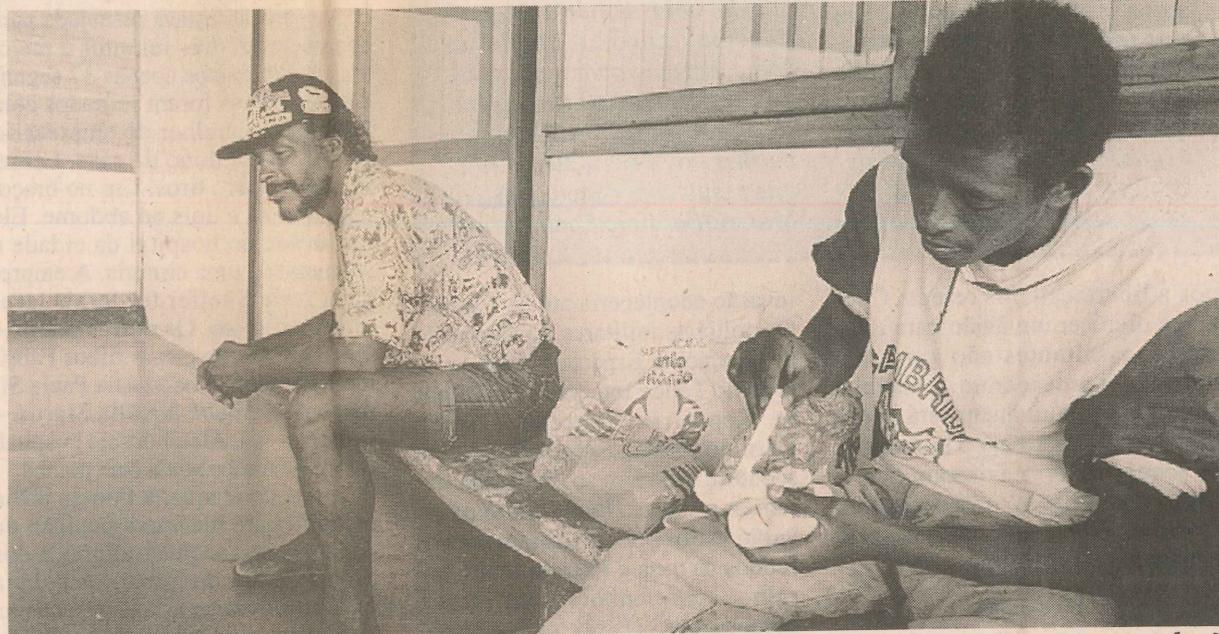


Foto de Carliito Medeiros

Os migrantes, geralmente sem qualificação profissional, aguardam no posto de atendimento uma solução

Presos de fora já atingem 35%

Um dado relevante é apontado através de uma pesquisa recente realizada pela Defensoria Pública Estadual, através dos computadores do Poder Judiciário, que revela o agravamento da violência no Estado, com o elevado número de envolvimento de migrantes. A pesquisa revela que 35% da população carcerária é integrada por migrantes, sobretudo de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. A diretora da Defensoria Pública, Sandra Mara Viana Fraga, que coordenou o trabalho, adianta que o levantamento é um primeiro passo, e que o objetivo é estabelecer um perfil sociológico de cada presidiário, visando melhorar o sistema, e o atendimento à população.

A pesquisa foi realizada com 1.172 presos, e concluiu que 25,68% da população carcerária são de migrantes de outros Estados da região Sudeste. Apurou ainda que 8,70% são dos Estados do Nordeste, e que existem quatro presos da região Centro-Oeste, dois do Norte, cinco da região Sul, além de quatro estrangeiros. Na avaliação de Sandra Fraga, a maioria de mineiros nas cadeias é explicada pela proximidade entre os dois Estados, que resulta no maior fluxo de migração, sobretudo devido às facilidades que a estrada de ferro oferece, com passagens a baixo custo.

A presença considerável de baia-

nos nas prisões se deve, na avaliação da defensora pública, também pela proximidade entre os Estados, que buscam colocação profissional nos projetos industriais localizados no Norte do Espírito Santo. A pesquisa foi realizada na Casa de Detenção, Instituto de Readaptação Social (IRS), Colônia Penal Agrícola, e delegacias de Polícia da Grande Vitória. Sandra Fraga acredita que a pesquisa sociológica da população carcerária, já iniciada, levantará outras informações importantes que poderão explicar os diversos aspectos relacionados à violência e criminalidade no Estado.

A próxima pesquisa, segundo a diretora da Defensoria Pública, vai observar outros aspectos importantes, como a origem do preso, se tem família, residência, se é reincidente, se usa drogas, álcool, se já teve emprego; enfim, o objetivo é traçar uma radiografia do crime no Estado, à partir da situação de cada preso. Para ela, a primeira pesquisa revelou um dado importante que é a presença acentuada de migrantes na criminalidade. A Defensoria Pública realizou um seminário na última semana, envolvendo cerca de 150 defensores de todo o Estado, no qual foram traçadas várias metas de agilizar o funcionamento do órgão, que atende milhares de pessoas mensalmente.

chegaram ao município em busca de emprego, e que acabam ingressando no crime", acrescenta.

Ele diz que os migrantes, principalmente da Bahia, "descem" para o Sul, pela BR 101, e acabam ficando em São Mateus, que é parada dos ônibus que ligam os Estados do Nordeste com o Sudeste. Ele aponta os projetos industriais estabelecidos na região, e os balneários como os principais atrativos para os migrantes. José Carlos observa o grande número de empreiteiras na região, contratadas de empresas de porte como a Aracruz Florestal e Petrobrás, e que os migrantes acreditam na possibilidade de emprego imediato. "Há muita gente pobre, subempregada, sem documento e que está na criminalidade", ressalta. Ele diz que, inclusive, a Polícia Civil está desenvolvendo um trabalho conjunto com o serviço reservado da Polícia Militar, visando identificar os migrantes envolvidos em crimes. "Há situações, muito frequentes, de migrantes assassinados que jamais são identificados", diz.

Controle

Na região Sul a situação é semelhante, conforme afirma o delegado Jainer Rocha, chefe do DPJ de Cachoeiro de Itapemirim. Segundo ele, o Conselho Municipal de Segurança Pública planeja adotar medidas envolvendo as polícias Civil e Militar, para fiscalizar as cinco estradas de acesso ao município. "Há uma incidência muito grande de crimes envolvendo migrantes, que vêm para a região motivados pelo desenvolvimento econômico", analisa. Rocha diz que a Polícia está realizando um trabalho nas comunidades, objetivando identificar os migrantes que se envolvem em crimes. "É preciso diferenciar os trabalhadores, daqueles cujo objetivo é o crime", adverte.

O delegado diz que a Polícia vai desenvolver um "controle" nas vias de acesso ao município e na divisa com o Rio de Janeiro. Ele acredita que a expansão da indústria do mármore na região seja o principal motivo de atração dos migrantes. Jainer Rocha diz que a Prefeitura local dispõe de um serviço social que acompanha esse processo, e que o Conselho de Segurança vem se reunindo semanalmente em busca de soluções. Ele observa a formação de favelas na região, e o surgimento de ocupações por parte de migrantes sem condições de se instalar em locais mais dignos.